

# SABERES INDÍGENAS NA ESCOLA

*Sinvaldo de Oliveira Wahuka*  
*Professor Pesquisador*

## RESUMO

Neste texto revelo a importância da Ação ‘Saberes Indígenas na Escola’. Essa ação tem motivado os professores e as comunidades indígenas a aperfeiçoarem os conhecimentos do povo Iny. Muitos desses saberes não eram citados ou narrados nos pátios das comunidades, nos terreiros das casas das famílias, ou nos grupos de homens e mulheres, muito menos nas escolas. Isso vinha acontecendo dessa forma, porque não tinha mais motivação na comunidade para fazer essa atividade. Os professores (as) não consideravam esses saberes no ensino pedagógico da escola. Isso provocava o silêncio dos conhecimentos ancestrais. Agora os conhecimentos estão ganhando mais movimento e vida nas comunidades.

**PALAVRAS CHAVE:** Saberes. Iny. Famílias. Silêncio. Pedagógico.

## TURYBÈNABUTE

**Turybènabute:** ‘Ix̄yju ação Bdèèryna Tyyrtina-ki’ tyyrtidỹ̄du mahādu diralòinymyh̄de iny aõ èryò, bdèèryò, hāwa hāwa mahādu dori tai awimy nahamyh̄de, kièmy iny bdèdỹ̄nana tai nauhèmyh̄de, timybo iny r̄yiramyh̄ bdèèdỹ̄nana nartimyh̄de tyyrtiò. Kièmyhè wiji iny h̄ỹna bdèdỹ̄nanamy rarybèõmyh̄re, taube-ki, ijoina-ki, ȳda aõtxile aõbo titxibo iny rawèrawènymyh̄reki, tiu h̄ỹna rièrymyh̄remy iny widèè rarybèõmyh̄re, ièrna, tyyrtina heto-ki. Kièmyhè iny ralòidỹ̄du ijõõre hāwa hāwa-ki, tai tahè ture, iny tabdèdỹ̄nana-di risnykèmy, ijyy-ki relyykèmy. Tyyrtidỹ̄du mahādu tiu rièryõmyh̄re, tyyrti-ki èrysynamy, kièmy iny hõrõ ratxirèri taihè tuu idi rōhõtinyõmyh̄rènyre. Tai tahè iwoõlemy r̄yirèrimyh̄re iny

tabdèèrydi, inyhỹnarèny èryna urile roholamy roimy raremyhỹ, wiji tahè tumyhỹde aõkõ.

**RYBÊ-WÈRYNA:** Bdèèry bdèdỹnana. Iny. Sỹỹ. Roholamy. Tyyrтинаò widỹỹ.

A Ação ‘Saberes Indígenas na Escola’ tem motivado os professores e as comunidades indígenas a aperfeiçoarem os conhecimentos do povo Iny. Muitos desses saberes não eram citados ou narrados nos pátios das comunidades, nos terreiros das casas das famílias, ou nos grupos de homens e mulheres, muito menos nas escolas. Isso vinha acontecendo dessa forma, porque não tinha mais motivação na comunidade para fazer essa atividade.

Os professores (as) não consideravam esses saberes no ensino pedagógico da escola. Isso provocava o silêncio dos conhecimentos ancestrais. O Saber Indígena é uma forma de contribuir e construir novos paradigmas de ensino pedagógico nas escolas indígenas. O ensino não pode ser apenas do conhecimento do professor, mas também dos anciãos (ãs). O ensinar e o educar a criança não acontecem só na sala de aula com os professores, mas também na família ouvindo os pais e os mais velhos.

A ação ‘Saberes Indígenas na Escola’ tem iluminado os conhecimentos que estavam no escuro e outros que estavam escurecendo, ao promover, por meio das pesquisas, o contato dos professores pesquisadores com os mais velhos, fazendo lembrar a estes o que se aprendia em casa, quem contava história, para qual ciclo e gênero era destinada a contação de uma história. Esses conhecimentos reaprendidos por nós professores têm enriquecido bastante o nosso aprendizado de ações pedagógicas na construção de uma educação diferenciada.

O mais importante conhecimento reaprendido até este momento dentro dos ‘Saberes Indígenas na Escola’ foi o ciclo de vida do povo Iny. Mesmo que o conhecimento do ciclo da vida fosse conhecido pelos professores, estes não o consideravam como uma orientação pedagógica a ser inserida nos procedimentos escolares, devido não ter a motivação para isso, devido à colonialidade do saber imposta às escolas. Agora eles discutem sobre a melhor forma de passar o ensino para as crianças envolvendo a sabedoria aprendida

do/as ancião (ã) para atender melhor a demanda na comunidade.

### ATIVIDADE PEDAGÓGICA REALIZADA EM BURIDINA, DURANTE O XV ENCONTRO DO PROJETO MAUREHI



As meninas aprendem com as mulheres mais velhas, como, por exemplo, fazer as cestas e adornos para as festas tradicionais do povo *Iny*.



A professora, além de pintar alunos, repassa o aprendizado de uso das pinturas por ciclo e gênero, fazendo a contextualização da

pintura usada nos corpos de cada criança, explicando que cada ciclo de vida do povo *Iny* tem a pintura específica.

A criança recém-nascida tem o nome de *tohouã* e na fala



feminina de *tohouã*. Nessa fase, a criança é pintada de urucum. A criança, a partir do primeiro ciclo de vida até o ciclo denominado de *riradu*, não tem definição por gênero, é uma criança, um ser humano a ser educado de acordo com o seu ciclo de vida. Conforme a mudança de fase, a criança recebe o nome e a sua alimentação, que também é diferenciada.

O ciclo de vida denominado de *Ijoityhy* e *Itxoityhy*, nas falas masculina e feminina, respectivamente, é de homens que tem família e sabem cuidar de todos os aspectos culturais de seu povo. Ajudam na comemoração da festa de iniciação e demais eventos voltados para a cultura. Ou seja, um cidadão *Iny* com família constituída, pai de família, mas que não precisa tanto a exigência de adorno para participar do evento e a pintura é denominada de pintura do tucunaré, usada nas pernas e braços.



Cito abaixo o que aprendemos durante a nossa pesquisa, estudo e orientação dentro da Ação:

O povo *Iny* (Karajá), a educação dada na família para os filhos é muito importante e vem desde o princípio da gestação até a fase adulta. O tempo que a criança está no ventre da mãe já recebe a orientação educacional de seu povo *Iny*. Ela recebe o amor, o carinho e os cuidados.

Quando a criança nasce, a parteira, que é umas das tias ou a avó, corta o cordão umbilical, e dá banho no recém-nascido e passa a tinta vermelha do urucum, independente de classificação de ser menino ou menina. É uma forma de prevenir de infecções na pele do recém-nascido, como, por exemplo, alergias, assaduras etc. Nos primeiros meses até mais ou menos quatro meses de idade, a criança não recebe nenhum tipo de alimento, a não ser o leite materno.

A partir do 6º mês em diante inicia-se a alimentação, e, quando a criança é o primogênito, na primeira alimentação dela é feita uma cerimônia, ela é adornada e os familiares convidam um homem, ou uma mulher, para fazer cumprir o ritual da alimentação a ser dada a ela. A pessoa escolhida para fazer o ritual da alimentação da criança não pode ser qualquer pessoa. Deve ser uma pessoa honesta, humilde, séria, responsável e respeitada por todos da comunidade. Essa pessoa toca os dedos em todos os alimentos expostos e passa na boca da criança para que ela (criança) possa degustar, no sentido de ir se acostumando com as variedades dos alimentos.

Além de frutas e água, o prato principal é o mel. Esse alimento fortalece o estômago da criança. Lembrando que esse tipo



de cerimônia é feito só para o primogênito. Outras crianças, que não sendo primogênito, necessariamente não precisam fazer a cerimônia.



Quando a criança já está crescida, recebe a educação sobre os saberes tradicionais de seus familiares e da própria comunidade. Saberes que têm relação com a natureza, com as histórias, plantas medicinais, pescarias, trabalhos na roça, fabricação de artesanato e as crenças espirituais existentes na natureza. Todo esse conhecimento é ensinado pelos pais e avós, através da oralidade, no dia a dia, de sua convivência na casa com seus familiares. Na orientação dos pais e avós é que ocorre a educação dos *Iny*. É dito às crianças que não se pode, por exemplo, *desobedecer aos mais velhos etc.* Quando acontece de alguma criança ser teimosa, desobediente, o castigo dado é fazendo medo nela, falando sobre os perigos que os *ijasós* (aruanã) fazem com as pessoas que não obedecem. Por isso é importante a presença de *ijasò* nas aldeias (personagem da dança do ritual *Iny*).



Na sequência do conhecimento de ciclo da vida *Iny* há a orientação que as meninas e os meninos não podem comer todo tipo de alimentos, como, por exemplo, lombo de tartaruga, este, segundo os mais velhos, causa dores nas costas, quando ainda jovem. Por isso não pode ser servido aos jovens.

É ensinada às crianças a diferença entre a fala masculina e a fala feminina. Caso isso não fosse ensinado, meninas e meninos poderiam trocar as falas, ou seja, menino poderia falar usando a fala feminina e vice-versa. Ensina a criança a ter responsabilidade, respeito, principalmente com os pais e com os mais velhos.

Quando o menino, dos 11 ou 12 anos, o pai solicita ao pajé para realizar o ritual da passagem de seu filho para a fase da adolescência, no sentido de adquirir outro conhecimento, de acordo com este de ciclo de vida, que é outra fase de educação. Nesse ciclo de vida *Iny*, a criança do sexo masculino aprenderá as crenças, respeito espirituais, e outros conhecimentos que são adquiridos, na sua convivência, na casa específica ao aprendiz, e passa a denominar-se de *jyrè*, que quer dizer 'ariranhá' e tem a pintura específica só para essa fase.



Nesse ciclo de vida o menino deixa de ser criança, torna-se pré-adolescente, *jyrè*, é a fase onde ela aprende a ser obediente, tudo que os homens mandam fazer, ele faz, é a obrigação dele obedecer. Assim ele mostrará o respeito que deve ter pelos outros. Quando o menino está no ciclo de vida denominado de *jyrè*, o seu corpo é pintado de preto, ou melhor, com a tinta preta feita de jenipapo e o cabelo é cortado bem baixo, ou seja, tem a cabeça raspada indicando que ele está na fase de mudança de categoria de acordo com a educação cultural Iny. Inicia para ele uma nova formação educacional.

Depois passa para a denominação de *bòdu*, adolescente, e ele se prepara para outro ciclo da vida, o ciclo de vida denominada de *weryrybò/wekyrybòna*.

Assim como os meninos têm as fases educacionais, passando por vários processos, as meninas também têm as diferentes fases, e



de acordo com a mudança de fase, recebe o nome do ciclo de vida, onde ela vai receber outro ensinamento de acordo com seu ciclo. A menina é chamada de *hirari*, nesse ciclo que atinge os 08 a 09 anos de idade; depois ela passa a ser chamada de *hiraririkỹ*, que é o ciclo de vida que o corpo dela vai se transformando, corresponde aos 11 ou 12 anos de idade; aos 13 ou 14 anos em diante passa a ser *ijadoma/ijadòkòmana*, que é o ciclo de vida que ela chega à primeira menstruação. Esse ciclo é marcado para todas as meninas *Iny*.

Nesse período ela fica, no quarto, isolada, alimentando-se de apenas de líquidos, principalmente de *caluji* (canjica feita de arroz ou milho) e recebendo todas as orientações necessárias para ter conhecimento correspondente a esse ciclo de vida. Ela é ensinada a viver bem, cuidar das futuras gerações. Ela fica isolada de 08 a 10 dias. Terminando o período de isolamento, o pai e os tios saem para pescar, para fazer a festa da alimentação da moça pós o isolamento. Quando sai do quarto de isolamento, ela come somente peixe tucunaré, fica adornada, enfeitada com a pintura corporal de acordo com o seu ciclo de vida, usando colares de miçangas e outros adereços feitos especialmente para esse ritual. Os pais ficam felizes ao vê-la passando de um ciclo a outro denominado de *ijadoma/ijadòkòma*. E a partir da cerimônia realizada ela está apta para dançar com os *ijasò* (aruanã) e já recebe de suas tias, avós e de sua mãe, a orientação sobre o casamento e orientação sexual. Essa cerimônia só é feita na primeira menstruação da vida feminina *Iny*.

Lembrando que todas as crianças após o nascimento têm os nomes de ciclo de vida, independentemente de gêneros a que pertencem, iniciando de *tohουã/ tohokuã* na fala feminina, que quer dizer bebezinho. Depois passa para o ciclo *rỹbidu*, ciclo *tiradu*, quando a criança começa a andar e correr. Após o ciclo *riradu*, os



ciclos são divididos por gênero, ou seja, menina e menino recebem ensinamento diferente. São divididos os espaços de convivências deles, as atividades de brincadeiras etc.

A educação sobre o ciclo de vida do povo *Iny* não é considerada na escola, os professores indígenas não faziam seus planejamentos levando em conta essa realidade.

Existem casos de meninas estarem escrevendo na fala masculina. A preocupação agora é melhorar essa metodologia. Fiquei muito contente por aprender o novo ensinamento por ciclo de vida, pelas denominações, e ampliei meu conhecimento amadurecendo mais ainda o que já sabia, é fundamental pesquisar sobre o que a gente sabe, redescobrir a fundo o saber milenar do nosso povo, trazendo de volta para o meio de outras sabedorias, mas fazendo com que as nossas se movimentam e fazem a ação da cabeça bem feita dos professores para realizarem a educação intercultural, de fato.

Ciclos que não se diferenciam pelo gênero:

Ciclo – *ixihyy* e *ixihyky* - homem solteiro ou mulher solteira;

Ciclo – *wytèsè*, homem viúvo ou mulher viúva;

Ciclo – *wotoèdu* e *wokutòèdu*, na fala feminina, pessoa ou casal que perdeu filho (a).

Assim segue a ordem educacional cultural do povo *Iny*.